

ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE
Em Lisboa
Anibal Cruz
Bêco dos Clérigos, 1
Correspondentes em Aveiro, Povoá, Paço, Vilarinho, Mataduchos, Taboeira, Esqueira, Angeja e Sarrazola.

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Fundador: J.J. Nunes da Silva

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

ASSINATURA Ano, série de 50 números 20\$00 Semestre, série de 25 números 10\$00 Estrangeiro, ano 50 números 50\$00 Cotórnias 30\$00	Proprietário-Director e Administrador José Marques Damião O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto	Redactor e Editor António da Costa Pinto O mais desenvolvido noticiário de todas as terras da região.	REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS Rua da Paz—QUINTÃ DO LOUREIRO (CACIA) Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo
--	---	--	---

ECOS & NOTÍCIAS

DESCARREGADORES DE MAR E TERRA DO PORTO DE LISBOA

Com a presença de delegados dos comerciantes e descarregadores, efectuou-se no passado dia 9, em Lisboa, a assinatura dum acordo colectivo de trabalho para esta classe que há muito aspirava melhorar a sua situação.

O acto revestiu solenidade pelas afirmações dos respectivos delegados e do sr. dr. Amaral Perrait, illustre assistente do Instituto Nacional do Trabalho e Previdencia, que à classe dos trabalhadores do porto de Lisboa vem dedicando grande carinho a dentro dos principios do Estado Corporativo.

No mesmo dia, à noite, no Sindicato dos Descarregadores, realizou-se uma sessão solene comemorativa da assinatura do contrato, na qual discursaram os srs. Joaquim Carvalho, presidente do Sindicato em festa; Eugénio de Azevedo, do Sindicato dos Trabalhadores do Trafego; Sousa Pereira, pela parte comercial contratante; e Manuel Rodrigues, sócio dos Descarregadores.

Por último falou o sr. dr. Amaral Perrait, que presidiu à sessão, fazendo uma alocução de elevada doutrina nova para a causa dos humildes trabalhadores do porto de Lisboa.

UM PANDEGO ORIENTAL

Nasr-edim era uma espécie de pastor de almas muçulmano. Magro, tizado dos olhos, silencioso e grave, toda a gente o considerava um santo.

Certo dia sobe ao que nós chamaríamos púlpito e, como quem vai pregar sermão, diz:

—Fieis! sabeis o que tenho para vos dizer?

Do auditório respondem que não.

—Pois se não sabeis, para que vo-lo hei-de dizer eu?

E desceu sem dizer mais palavra.

Tempo depois volta ao púlpito e faz a mesma pergunta. Respondem-lhe que sim, que sabem.

—Pois se o sabeis escuso de vo-lo dizer.

Os fieis estavam mortos por saber o que o santo tinha para lhes dizer. Resolvem dar-lhe uma resposta de dois fios. E assim, á terceira vez respondem:

— Uns sabem-no e outros não.

—Pois então aqueles que o sabem digam no aos que o não sabem.

E, grave, recolhido o ratão, baixou da sua cadeira da verdade.

Quem acode à imprensa da província?

Em virtude dum decreto recentemente publicado, os anúncios dos jornais ficam de tal maneira sobrecarregados com o imposto de selo, que deve ser difícil conseguir, de futuro qualquer publicidade.

O nosso colega de Aveiro, *O Democrata*, formula, com justificada razão, a pergunta: — **QUEM ACODE A IMPRENSA DA PROVÍNCIA?** — devido ao agravamento do imposto de selo nos anúncios, e nós transcrevemos com a devida vénia esse artigo que é, de facto, um brado angustioso que necessita ser secundado por toda a pequena imprensa, que actualmente está atravessando, com perspectivas pouco tranquilizadoras, uma situação melindrosa.

Não basta a onda de encarecimento do preço das matérias primas, tais como o papel, tipo, tinta, etc., vem ainda o aumento de selo afectar a vida dos pequenos jornais, que até aqui se devatiam com uma crise de expansão, provocada por várias circunstâncias e não podia pôr prática, se não parcialmente, alguns melhoramentos reputados indispensáveis para melhor servir o público, agora essa posição tornou-se mais delicada, obrigando-os a pensar na sua defesa.

Por isso *O Democrata* refere-se ao assunto nos termos seguintes:

«O *Diário do Governo* de 24 do mês anterior insere um decreto-lei que, além de modificar a redacção de alguns artigos da tabela geral do imposto de selo, inclui na mesma diversos actos que não eram tributados. Ora esse decreto atinge-nos também, atinge também a Imprensa, porque no artigo 12 respeitante a anúncios ou qualquer outra publicidade de reclamo, diz:

«Em qualquer periódico, incluindo o *Diário do Governo*, ou em qualquer livro, folheto ou outra forma de publicidade, salvo os que têm rubrica especial nesta tabela, sobre o seu custo, 3%»

Mas até aqui não teríamos nada a apôr. O resto, porém, é que é grave, por ser tudo. Vejâmos:

«A liquidação deste imposto terá por base, para cálculo do custo do anúncio, a tabela de preços dos anúncios do *Diário do Governo* para Lisboa e Porto; e para as outras cidades e demais terras a mesma tabela com a redução respectivamente de 50 por cento e 75 por cento, cálculo que será feito em relação ao número de linhas em tipo correspondente ao do *Diário do Governo*»

Por um se infere que dora avante os jornais terão de pagar o selo dos

anúncios como se recebessem 1\$25 por cada linha e isso é de tal maneira exorbitante que nenhum, por certo, se agüentará no balanço em virtude de ninguém se sujeitar aos preços que teriam de ser estabelecidos para a publicidade.

Um exemplo: ao anúncio sobre os aparelhos *Körting*, que neste jornal tem sido publicado foi, pela repartição de Finanças, feito o preço de cada publicação a 284\$75! Seria um maná, seria se recebecemos essa importância, que nos daria por ano 14.807\$ e pela qual nada custava pagar 444\$21 de imposto por ficarem em cofre 14.365\$79! Mas os jornais de província não são o *Diário do Governo* nem tão pouco cobram anúncios pelo preço dos colossos. De tabelas já reduzidas, os anúncios permanentes e de contrato sofrem tais abatimentos que a pagarem o novo imposto atingiria este, nalguns casos, maior quantia do que aquela que recebemos pela sua inserção.

Será, porventura, justo que isso aconteça? Será justo que tenhamos de pagar por aquilo que não recebemos por ser, mesmo, inconcebível?

Nestas circunstâncias e para não agravar a situação económica do jornal resolvemos publicá-lo esta semana apenas com duas páginas, pelas razões expostas, ficando, todavia, à espera de ver como se pronunciam os colegas sobre este momentoso assunto a-fim-de resolvermos, depois, o caminho a seguir.

Agora é que se nota a falta do Sindicato da Pequena Imprensa. Mas a porca da política...

Nós, também, resolvemos não publicar hoje os anúncios, porque o preço dos contratos com os nossos anunciantes são tão inferiores que, segundo a nova tabela da Fazenda Nacional, teríamos ainda de desembolsar o duplo da sua importância.

Secundando o apêlo do nosso colega *O Democrata*, a Imprensa da Província ver-se-á obrigada a tratar da sua situação, o mais depressa possível, junto do Governo que, decerto, atenderá, visto que é de toda a justiça para bem dos interesses do Estado e da comunidade.

Conte, pois, o nosso colega aveirense com o nosso apoio.

ECOS & NOTÍCIAS

DR. SIDÓNIO PAIS

No dia 14 realizou-se solenes exequias sufragando a alma do saudoso e malgrado presidente dr. Sidónio Pais, na igreja de S. Domingos, em Lisboa.

A Comissão organizadora era composta dos antigos colaboradores de Sidónio Pais srs. tenente-coronel Mendes do Amaral, capitão Tiófilo Duarte, capitão Botelho Moniz, tenente Santos Romão, José Duarte Costa e António Magno.

Compareceram os antigos ministros, e sub-secretários de Estado do governo Sidónio Pais, antigos governadores coloniais, antigos governadores civis e comandantes militares, administradores de concelho e demais autoridades civis e militares e outras individualidades que exercem cargos na situação criada pela revolução de 5 de Dezembro, e ainda os oficiais do Exército da Armada, «Legião» e «Mocidade Portuguesa».

Depois da celebração das exéquias, foram depositas flores no túmulo de Sidónio Pais, nos Jerónimos, em Belem, onde também compareceu muito povo.

D. NUNO VAI CASAR

A imprensa faz eco que o D. Duarte Nuno, o descendente de D. Miguel, vai em breve consorciar-se, constando ser com uma senhora italiana de alta estirpe.

MINISTRO DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Foi nomeada ministro do Comércio e Indústria o sr. dr. João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), que será substituído no cargo de sub-secretário de Estado das Finanças que exercia desde 1934, pelo sr. dr. Adriano Pais da Silva Vaz Serra, lente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

O sr. dr. Pedro Teotónio Pereira, deixou a pasta do Comércio e Indústria, por ter sido nomeado agente especial do Governo português junto do generalissimo Franco.

PORQUE SERÁ?

De *O Democrata*:

«Passaram uns poucos de meses sobre a morte do continuo duma das escolas primárias da freguesia da Glória sem que até hoje tenha sido nomeado outro. E é muito necessário.

A que obedecerá tanta demora?»

Mas que pergunta, do colega!



CARTEIRA ELEGANTE

ANOS

Na quinta-feira da última semana, dia 9, completou mais um aniversário o nosso assinante sr. Luiz da Mata, encarregado da Leitaria Moderna, Cacia. Para solenizar esta data foi oferecido ao mesmo em casa da sua futura noiva um opiparoso jantar, do qual fez parte uma das duas penóvas que a mãe da mesma lhe ofereceu por tal facto.

A este banquete, que esteve muito animado assistiu sómente a família da casa.

Também no mesmo dia 9, completou 17 risonhas primaveras a simpática menina Maria Rosa Duarte Paula, filha da sr.^a D. Conceição Duarte Paula e do nosso prezado amigo e assinante sr. António Rodrigues da Paula, considerado industrial de panificação em Evora.

Passa hoje o aniversário natalício do nosso estimado amigo sr. José Maria Alves, digno sub-chefe enfermeiro do Hospital de Santo António dos Capuchos, de Lisboa.

Também hoje completa mais um aniversário o sr. António Ribeiro, pai do nosso amigo e assinante sr. Raul Ribeiro Pinho, de Angeja.

No dia 19, amanhã, completa mais um aniversário natalício a sr.^a D. Ana dos Santos Oliveira, irmã da Jesuína, e esposa do nosso assinante sr. Artur Ribeiro da Fonseca, de Angeja, industriais em Louza de Cima (Loures).

No próximo dia 20 do corrente festejamos mais uma primavera natalícia a sr.^a D. Eduarda Fonseca Faria, estremosa esposa do nosso amigo e conterrâneo sr. António Gonçalves Faria, industrial de panificação no Porto Brandão (Almada).

Também no dia 24 fazem anos: o sr. Londrim Augusto da Silva Baptista, aplicado estudante do Seminário de Santarem e filho do nosso querido amigo e colaborador sr. Ernesto Baptista, industrial de padaria no Monte de Caparica (Almada); e o sr. Policarpo Nunes de Sousa, comerciante no Bairro Social do Arco do Cego, em Lisboa.

Em 20 do corrente, completa 5 verdes aniversários a menina Maria Ialina R. Pereira Felix, filha do nosso assinante e amigo sr. José Maria Pereira Felix e da sua esposa sr.^a Maria Amália Rodrigues Felix, industriais de panificação em Paço d'Arcos.

Ainda no mesmo dia 20 completa 6 anos o menino Jorge Moura de Almeida, filho do nosso assinante e amigo sr. Fernando da Silva Almeida e da sua esposa sr.^a D. Lucília Moura Almeida, industriais no Lourical.

No dia 21, completa 2 verdes aniversários o menino Manuel Alves de Oliveira, filho do nosso assinante sr. Alfredo Fontes e da sua esposa sr.^a Arminda da Conceição Alves, residentes em Lisboa.

Também no mesmo dia 21, completa 19 anos o nosso assinante sr. J.ão Gaspar, empregado no comércio da capital e natural de Eixo.

Em 22 do corrente completa 22 anos a sr.^a Rosa Gomes da Silva, esposa do nosso assinante sr. Eurico Marques Teixeira, residentes no Estoril, e ora do também nosso assinante sr. António Maria Marques, da Povoia do Paço.

Com os nossos sinceros parabéns, a todos os aniversariantes.

ESTADAS

Vindo da Figueira da Foz, onde se encontra empregado na Padaria B'jou, do Bairro Novo, esteve em Cacia e Quintã no último domingo em visita a sua família, o nosso amigo e assinante sr. Arnaldo Pereira Quaresma.

De Espinho onde é sócio à importante Padaria Central, também esteve na Quintã visitando seus pais no último domingo, o nosso prezado amigo e assinante sr. João Pereira Duarte.

Também cumprimentamos em Cacia no passado domingo o nosso assinante sr. António Lopes de Oliveira, empregado na panificação de Lisboa, para onde se retirou na segunda-feira.

Acompanhado de suas duas filhinhas, igualmente esteve no passado domingo em Cacia visitando sua mãe, o nosso estimado amigo e assinante sr. Joaquim da Silva Matos, considerado industrial de panificação em Espinho, Paço Brandão e Estarreja.

DOENTES

Vindo do Cartaxo onde está empregado à anos na panificação encontra-se em casa dos seus pais no Cabeço de Cacia muito doente o nosso assinante sr. David da Silva Simões.

Encontra-se um pouco melhor da sua saúde o nosso bom amigo sr. Carlos Antunes Conde, comerciante em Lisboa e devotado regionalista da comarca de Arganil.

Também já vão em via de restabelecimento os filhos do nosso prezado amigo sr. Joaquim Carvalho, de Lisboa.

Desejamos a todos um pronto restabelecimento.

RETIRADAS

Depois de estar entre nós algumas semanas, retirou-se para Lisboa, no último domingo o nosso assinante sr. José Vieira Ferreira. Uma boa viagem.

Noticias de Taboieira

Julgamento.—Com uma sala completamente cheia de habitantes deste lugar, realizou-se no dia 7 do corrente em Aveiro o julgamento da menina Alice de Matos, que, conforme, largamente noticiamos neste jornal, há tempos tinha apredido com uma garrafa a sua colega Joana Rosa Rodrigues Larangeira.

Depois de uma serrada réplica pelos illustres advogados, defeza e neuzação, de que cujos nomes não nos informaram, foi lida com todo o sigilo pelo digno magistrado daquele Tribunal a sentença que condemnou a réu em 5 dias de prisão correccional, removíveis a 8\$00 por dia.

Esta sentença foi muito bem recebida por todos quantos ali se encontravam, sendo, nesse caso, a condemnada posta em liberdade mediante o pagamento de 40\$00.

Sobreira secular. No passado dia 8 do corrente, quando tóia a povoação deste lugar não contava, cón a secular sobreira que muito ornamentava o pitoresco largo de S. Pedro.

E para lamentar a perda de mais um arbusto que os nossos antepassados nos legaram, sem que ninguém nos possa dizer a sua idade.

Doentes.—Com um forte ataque de gripe, estão encamadas

NATAL DOS POBRESINHOS

Continuamos a solicitar dos nossos bondosos leitores o auxilio para o bôdo no dia de Natal aos pobresinhos da fréguesia de Cacia, protegidos pelo nosso jornal.

Esperamos que as listas enviadas a diversos amigos sejam cobertas de óbulos, visto tratar-se de socorrer os necessitados, na sua maioria infelizes que vivem esquecidos por terem vergonha de estender a mão à caridade pública.

Pedimos o favor aos possuidores de listas para no-las devolver antes do Natal, afim de termos tempo de organizar o bôdo.

Segue as listas recebidas:

Lista n.º 35 a cargo do sr. José Maria Vicente da Silva.—Porto.	5\$00
António Toné Montinho	1\$00
David Afonso Montinho	1\$50
António F. do E. Santo	1\$00
Agostinho dos Santos Pires	1\$00
Augusto Pereira	1\$00
Francisco da Silva	1\$00
Anónimo	\$50
Manuel Dias da Costa	1\$00
Domingos Ribeiro	1\$00
Constantino Simões Dias	2\$50
Maria Rosa Rodrigues	\$50
António Ribeiro	1\$00
Tereza Cardoso Rios	1\$00
Bernardo Baptista Alves	1\$50
Joaquim de Sousa Menezes	5\$00
José Maria da Silva	1\$00
Joaquim Marques Pereira	1\$50
Francisco Soares Barbosa	1\$00
Maria Rosa T. Simões	1\$00
Delfim da Silva	2\$50
Manuel P. de Souza Costa	5\$00
António Castanheda Gateia	5\$00
António G. de A. Leite	5\$00
Armando Lopes	2\$50
Soma	50\$00

Lista n.º 8 a cargo do sr. João Nunes da Cruz.—Lisboa	5\$00
---	-------

Lista n.º 14 a cargo da sr. ^a Eulália Martins Damião.—Riocho	5\$00
---	-------

Lista n.º 10 a cargo do sr. Salvador Nunes de Pinho.—Olival Basto	10\$00
Judith Barroso C. Pinho	5\$00
Adelino José Maria	2\$50
Augusto Francisco Júnior	2\$50
Alvaro Lopes	2\$50
Ialina Ramos	1\$50
Júlia Cardoso Neto	1\$00
Maria José	1\$00
Ermelinda	\$50
Soma	26\$50

Quarta página

Chamamos a atenção dos nossos prezados leitores para a quarta página do n.º de hoje, que em virtude do aumento do imposto de selo, não podemos publicar os costumados anúncios, mas nelainserimos variada colaboração.

As sr.^{as} Libania Rodrigues Felix e Maria Marques do Almeida e Maria Marques Morgada.

Em Colubrões também está de cama o nosso amigo sr. Silvério Marques de Bastos, industrial de padaria e nosso conterrâneo. Para todos angustiamos umas prontas melhoras.

Falecimento.—Faleceu aqui no dia 8 do corrente com idade regular, o sr. Manuel Ribeiro Gaspar, marido da sr.^a Ana Marques.

O funeral do extinto que teve lugar no dia seguinte, foi muito concorrido por todos os taboieirenses.

A todos os doridos os nossos pésames.—C.

NOTÍCIAS LOCAIS

(Sarrazola)

O tempo há umas semanas para cá, tem corrido como a salva-raínia, uns dias gemen-do e outros chorando—, um dia de chuva e um dia de sol.

As ruas deste lugar, tódas elas, estão num verdadeiro lamaçal, concorrendo muito para isso a grande quantidade de molinha que últimamente tem caído.

A rua Miguel Bombarda, principalmente esta, encontra-se num cáus, transitando-se por esta com tóda a precaução, pois a lâma que a mesma comporta é aos montões.

E o remédio para tão grande mal?

Só o dr. Maio é que nos pode valer.

Esteve aqui à dias em visita a sua família, vindo de Lisboa onde é empregado, para assistir a um baptizado em Vilarinho, o nosso amigo sr. Joaquim Cristo.

Também esteve aqui no último domingo, vindo de Lisboa, o sr. João Simões de Miranda.

Por um dos componentes da Brigada Técnica da 4.^a Região Agrícola de Aveiro, teve lugar no passado dia 5 do corrente na escola primária deste lugar, uma conferência de propaganda para todos os lavradores que berçou sobre o emprego dos adubos na nossa fréguesia.

A esta sessão concorreram quasi todos os lavradores de Sarrazola e Cacia.

Organizado pelo «Jazz de Aradas» teve lugar no penúltimo domingo no salão do G. M. C. ao Cruzeiro, um imponente baile que esteve largamente concorrido por tóda a mocidade da nosa terra.

Parabéns ao «Jazz de Aradas».

Festejou 63 anos no passado dia 7 do corrente o sr. José Simões de Miranda (o perna de pau).

Rectificando

Como na última correspondência de Mataduchos saísse na notícia da «Agregação á facada» uma irrita, rectificamo-la hoje para que alguns dos que se julgam visados com a referida notícia, fiquem ileso da mesma. E-la:

Onde se lê, pelo sr. Dias Sardo; deve lêr-se: pelo desordeiro Saul Dias Sardo.

Que sejam desculpados os nossos tipógrafos, pois o nosso solicito correspondente nada tem com a mesma falta.

O tempo

A temperatura baixou sensivelmente na nossa região. Estimamos numa quadra agreste, mantendo-se um frio que o sol mal consegue afugentar.

No rio Vouga, na última semana, as águas avolumaram, evadindo a estrada que liga a ponte de Angeja, assim como esteve, também, interrompido o transitio entre Cacia e Quintã devido ao arruinamento em que se encontra o aqueduto dos Salgueiros, perigo que já, por diversas vezes temos apontado como enorme perigo para quem ali passa.

Contra o alcoolismo

O decreto 20 431, que promulga várias disposições sobre protecção da infância, no seu art. 21.º determina o seguinte:

«Art. 21.º Os menores de 16 anos não podem entrar em casas de toleradas ou de passe, de jôgo, tabernas e clubs, nem assistir a espectáculos que possam contribuir para a sua demoralização ou perversão, salvo a entrada em tabernas de mandado dos pais ou tutores, ou acompanhados destes, com o fim de hospedagem ou de aquisição de géneros alimentícios.

§ único. Os donos, dirigentes ou gerentes das casas e dos estabelecimentos a que se refere este artigo quando constintam ou não obstem por si ou por seus empregados à transgressão do disposto neste artigo, incorrerão na pena de multa até 5 000\$00, conforme as circunstâncias, salvo quando os menores forem acompanhados de seus pais, tutores ou pessoas, a quem tenham sido confiados, pois em tal caso só estes incorrerão em responsabilidade criminal».

Achamos esta medida acertada porque a taberna é, como muito bem diz num artigo contra o alcoolismo o sr. Abílio Ferreira, o vestibulo do hospital, da cadeia e do manicómi; é antro de podridão e miserias, onde se corrompe a saúde e o carácter.

Que todos os taberneiros, todos os pais e os menores tomem na devida conta o disposto no art. 21.º do decreto 20.431, a fim de evitarem pesadas multas e o atrofiamto da nossa raça.

Noticias de Angeja

Falecimento.—Faleceu na sua casa desta vila, no passado dia 2 do corrente, com a idade de 70 anos, o estimado Angejense sr. José Ferreira de Abreu, esposo amantissimo da sr.^a Ana de Abreu.

O funeral deste nosso conterrâneo, foi feito no dia imediato para o cemitério desta fréguesia, o qual se tornou uma verdadeira homenagem de pezar entre todos os filhos desta terra.

A tóda a família em luto, os nossos sentidos pésames.

1.º de Dezembro.—O dia 1 de Dezembro foi aqui muito festejado, principalmente nas escolas primárias; onde ouve alguns discursos pelos seus professores, cujos estes foram coroados de salvas de palmas por todos os assistentes.

Ao terminar esta interessante festa, que foi abrihantada pela Banda Angejense, foi distribuído um abundante lanche a tódas as crianças escolares, que por fim, e acompanhadas pelos seus professores e música, percorreram as principais ruas de Angeja cantando o Hino Nacional.—C.

Pelo Concelho de Gois

V A I D O S O S & C.ª

Resposta ao jovem e preclaro corteense Claudino Alves de Almeida

O nosso artigo "Os lacraus", publicado no n.º 381 do *Ecoss de Cacia*, teve a magica liberdade de trazer à escadada o jovem e preclaro Claudino Alves de Almeida com o seu formidável "Vaidosos & C.ª", que é, sem dúvidas, uma interessante manifestação de intriga revelada no cérebro dum novo.

Mas, assim é que é!

Nunca fica mal ao menino dizer quem é, donde vem e o que pretende.

Nós tallámos uma carapuça e você, todo talentoso e atrevido, enfiou-a até ás orelhas, interpretando, a-final, com muita naturalidade o personagem da força, daquela força que mete ainda mais dois nossos conhecidos, mas que andam ludibriados com as suas excellentes qualidades.

Abraão deu rosas a um burro e o animal falou. Nós, com uma simples penada, fizemos com que o Claudino descobrisse o espelho da sua alma, que muitos fundeirenses julgavam ser uma alma limpada, sincera e cristalina...

Conseguimos que o preclaro Claudino, em letra redonda, chamasse aos fundeirenses: "Vaidosos & C.ª", e a nós humilde serrano, o mais atrazado dos analfabetos e pobre tólo...

Mas nem assim, o jovem Claudino foi capaz de nos fazer calar nem diminuir a nossa moral. Estamos aqui para conversar amavelmente com o jovem Claudino e vamos vêr se conseguimos apanhar o fio à meada...

Quando escrevemos o artigo "Os lacraus" foi devido ao seguinte facto: O Claudino Alves de Almeida, após uns dias, da festa da Comissão das Cortes, foi ao estabelecimento do nosso amigo e conterrâneo sr. Carlos Antunes Conde e disse que os seus consocios propalavam que os fundeirenses tinham comprado gente para prejudicar o brilho da referida festa. E que, principalmente, os srs. Tavares (pai e filho) o afirmavam.

O sr. Carlos Antunes Conde tratou imediatamente em escrever uma carta à Comissão de Festas das Cortes repudiando essa afronta e recebeu, passados dias, uma resposta em carta assinada pelos srs. Tavares e pelo preclaro Claudino, na qual se insultava o sr. C. Conde que foi um homem que trabalhou desinteressadamente para que a festa dos nossos visinhos das Cortes fosse coroada dos melhores êxitos, como foi, segundo me informam, e nessa carta demonstrava-se que a vil e laia

fôra levantada pelos fundeirenses.

Que carácter é o do jovem Claudino que vai levar uma mentira e depois não tem pejo de assinar uma carta em que afirma que tal não fizera?

Fale! Desembuche, jovem preclaro! Ou então convence-nos que só da sua lavra podia sair obra de intriga!

Essa carta enviada a Carlos Conde bem merecia ser lida publicamente, aqui no largo de S. Pedro, com o povo tódo a escutá-la, porque o Claudino e quejandos teriam ocasião de observar a revoltante repulsa que ela causaria no animo do povo do lugar de Amioso Fundeiro, onde felizmente reina a mais firme solidariedade a favor do progresso colectivo e do prestígio e dignidade dos seus concidadãos.

Pode, pois, dizê-lo bem alto que os fundeirenses são vaidosos, por que a sua vaidade não é para se exibirem ridiculamente; a sua vaidade chega apenas ao nível do bairrismo leal e sincero, ao bairrismo que se traduz tão nacionalmente em patriotismo natal!

Não nos interessa que o preclaro Claudino nos chame tólo por mais bem sabermos defender a nossa terra e os homens que lhe dedicam todo o seu esforço e amor.

Não precisamos plagiar romances para nos evidenciar. Basta a enxada que nos caleja as mãos para que a nossa honra se mantenha. Escrevem os por que Deus deu-nos um cérebro para pensar e ainda não temos receio de ocupar lugar na imprensa regional, onde desde há muitos anos temos espalhado farrapos da nossa alma, da nossa pobre inteligência, mesmo que seja ao lado do jovem e preclaro Claudino Alves de Almeida!

Disse bem o *Ecoss de Cacia* que somos maiores e vacinados... E por isso não temos medo das "bexigas" dos rapazes das Cortes!

Fanfarronices temos nós visto muitas. Mas obras, nenhuma!

E sabemos mesmo a que "carga de água" veio o jovem Claudino com a transcrição do "Rádio-Botica", de que não somos autor, mas com certeza se lo-há algum corteense?

Apenas aviva cada vez mais a "elegancia" daqueles que o são! E que lhes preste, já que os fundeirenses, apesar de vaidosos, não são, todavia, refinados invejosos. E tanto assim é que o próprio Claudino o definiu uma vez no *Jornal de Arganil* com o artigo que a seguir transcrevemos com o devido respeito da prax:

CORTES DE ALVARES—
—AMIOSO FUNDEIRO
Comparações

"Tenho seguido com muita simpatia os trabalhos da Comissão de Melhoramentos de Amioso Fundeiro (Alvares), admirando o seu grande esforço, pois principiou com um pequeno número de conterrâneos e em pouco tempo foi tomando vulto, devido ao bairrismo de todos os naturais daquelle povoação.

"Quando neste jornal, em junho último, foi publicado o programa da festa a realizar em homenagem a esta Comissão, que teve lugar em 11 deste mês, procurei obter um bilhete, passados dias, para a ela assistir, visto ser um empreendimento a favor duma povoação minha visinha, pois, como pelo título se pode ver, eu não pertença a Amioso Fundeiro, não deixando, porém, de admirar a vontade temaz dos meus visinhos. Qual não foi, porém, a minha decepção, quando, a querer adquirir um bilhete, me disseram que apenas havia bilhetes para a geral.

"Ao contrário de qualquer casa de espectáculos, aonde a geral é a primeira a esgotar-se, ali succedeu que os bilhetes mais caros foram os primeiros a serem vendidos.

"Por aqui se pode ver o bairrismo daqueles conterrâneos que, para verem progredir a sua terra, se sabem unir, formando um só grupo—tudo pela terra-mãe.

"Devido à maneira como a festa foi organizada e ao seu bem escolhido programa, é para louvar a boa-vontade dos seus dirigentes, que tão garbosamente souberam desempenhar os seus cargos.

"Eu, como já disse, não sou da referida povoação. Devo, porém, dizer que a festa decorreu na mais perfeita harmonia, entre grandes ovações de todos os espectadores, e, nestas linhas bem sinceras, aqui fica gravada a simpatia admiração pela visinha povoação, cujos filhos bem dignos são de louvar.

A'vante fundeirenses! Todos por um e um por todos!

"Quando ontem, nos vastos salões do Grémio da Comarca de Arganil, vi um tão grande número de conterrâneos, senti um não sei quê de inexplicável, que me deixou como deslumbrado, ao mesmo tempo que se apoderou de mim um grande pesar: a comparação dos filhos de Amioso Fundeiro com os das Cortes de Alvares—minha desprezada terra.

"Senti, sim, em todo o meu ser, uma revolta contra os meus conterrâneos, que, apesar de pertencerem a uma das maiores povoações do concelho, se não sabem unir.

Uma povoação como a de Cortes de Alvares, poderia se houvesse bairrismo, formar uma colectividade com um número elevado de sócios.

Porque se não organiza a antiga comissão, formando uma colectividade forte, embora com os membros actuais, mas por quotas, seguindo o exemplo das outras colectividades regionalistas?

Não é preciso ir muito longe. Ai tendes, filhos das Cortes, a povoação de Amioso Fundeiro, vossa visinha, que, conforme acima me referi, é um exemplo digno de se seguir.

No último número de "A Gazeta das Serras", o seu director, referindo-se a esta Comissão, escreveu:

"Amioso Fundeiro, que é apenas uma povoação da freguesia de Alvares, pode orgulhar-se da colónia que possui em Lisboa, cuja união e acção devem fazer inveja a outras terras e até a algumas freguesias da nossa região.

"A colónia de Amioso Fundeiro deve ser considerada a mais activa, sem desdouro para qualquer outra, e mais unida da comarca de Arganil.

"E porque assim é, não temos dúvida em apontar os fundeirenses, dentro do regionalismo, como modelo digno de ser imitado."

Quereis conterrâneos e amigos, mais provas do grande desenvolvimento que a visinha povoação de Amioso Fundeiro está tomando?

No meu fraco entender, a melhor forma de levarmos a cabo os melhoramentos de que necessita a nossa terra, que são, como todos sabem, a construção da estrada, começada com tao boa-vontade em 1932, a qual está paralizada, quando já devia estar concluída; as pontes de Mega e Retaxo; as fontes da nossa povoação, que actualmente já possuem qualquer coisa de higienico devido à comparticipação dos melhoramentos rurais; a escola da nossa povoação, obra que devia ser a primeira a concluir e... mais alguns melhoramentos que embora se não apontem ainda são de muita necessidade para a nossa povoação. Devia, pois, formar-se uma colectividade regionalista, com a união de todos os seus filhos.

Em meu entender, trabalhando dois ou três, sem terem o apoio de todos os seus conterrâneos, nada se poderá conseguir. E, se alguma coisa se realizar, não é nada comparado ao muito de que nós necessitamos.

Senhores das Cortes de Alvares! Reorganizem a comissão, conseguindo a inscrição e a de todos os naturais da nossa terra! Vamos, camaradas! Parar é morrer!

Para a frente, se quiserdes orgulhar-vos de ser verdadeiros filhos da nossa terra!

Lisboa, 12 de Junho de 1936

Claudino Alves de Almeida."

Ora, o preclaro Claudino escreveu isto há dezasete meses e hoje chama vaidosos aos Fundeirenses e escreveu e assinou aquella desgraçada carta dirigida ao sr. Carlos Antunes Conde que é um documento que há-de ficar para sempre arquivado como testemunho evidente da gratidão de certos "lacraus".

Se o artigo do jovem Clau-

dino hoje serviu para lhe respondermos; amanhã, mesmo muito tarde, a carta dos srs. Tavares e do preclaro corteense há de ser o veneno do calix da amargura dos mentirosos!

Tenham disso a certeza, por que, nós também a temos!...

Resta-nos a consolação, a vaidade—diga-se bem alto!—de seguirmos um caminho recto e delicado em prol do regionalismo, que até o preclaro Claudino aconselha os seus conterrâneos a imitar-nos!!!

Somos, pois, invejosos e companhia... A Companhia são eles. Mas que Deus nos proteja com semelhante companhia...

E temos dito por hoje.

M. J. C.

...

A CAMARA E A POVOAÇÃO DA LOMBA

Apareceu na imprensa da minha região o relatório dos melhoramentos que mais necessita o concelho de Gois, trabalho esse que é assinado pelo illustre presidente da comissão administrativa sr. dr. Rui Ramos, homem do Estado Novo que tanto tem trabalhado a contento dos municípios.

Apraz-nos, porém, fazer um pequeno reparo na distribuição desses benefícios, pois que no relatório aparecem localidades que são generosamente contempladas, quando outras, que bastante precisavam, foram esquecidas, tal como a Lomba, terra que nem uma fonte possui, indo o povo buscar água para a sua alimentação e hygiene a um ribeiro onde se lavam roupas e se despejam directos perigosos para a saúde.

Não queremos com este reparo levar censura à obra exposta. Mas o nosso muito amor à terra onde nascemos e ao vêr-mo-la sem água potável, sem água própria para o seu consumo, somos obrigados a lembrar à Câmara de Gois que a povoação da Lomba também faz parte da importante freguesia de Alvares e deve ter direito a sentar-se à mesa do orçamento camarário.

Porque, afinal, a minha terra não pede estradas, a pesar de precisar bastante, nem escola ou outros benefícios de monta. Pede apenas o que mais falta faz: é uma fonte que lhe dê água para a sua higienisação, para a sua saúde.

E para estranhar, pois, que a Câmara não incluisse no seu relatório a povoação da Lomba de Alvares, demais quando se fala num empréstimo e quasi nada podia influir no orçamento mais uma pequena verba para a construção duma fonte.

No entanto, nós aqui deixamos o nosso reparo com esperança ainda de alguma coisa a nossa Câmara remediar—dando à minha terra esse grande melhoramento.

Lisboa, 8 12-937.

Manuel das Neves.

É o número foi visado pela Comissão de Censura à Imprensa de Aveiro.

RABISCOS

Depois de morta rainha

Evocando tradições, tenho a certeza que poucos desconhecirão, dada a sua popularidade, a lenda «depois de ser morta foi rainha» da linda cidade universitária—Coimbra—com a sua Fonte dos Amôres e a Quinta das Lágrimas, debruçada sobre o Mondego que, correndo soluçante por entre o poético Choupal, se lança no Oceano como a avezinha à vida de liberdade.

Ninguém desconhece a linda Inez, de que a tradição nos fala, mulher de D. Pedro com quem casou secretamente. Todos sabem que Inez foi coroada rainha depois de assassinada, segundo Camões e os cronistas da época.

Pelo dizer dos mesmos cronistas, D. Pedro fez sentar D. Inez no trono e obrigou todos os seus vassallos, nobres e plebeus a beijarem-lhe a mão; porém, um irmão de D. Pedro recusou-se a isso, pelo que foi desterrado para o Pôrto em companhia de outros nobres que também se recusaram a beijar a mão a um cadáver.

Seguidamente o rei fez transportar a rainha num féretro, uma longa fila de homens do povo, pagens, ladeavam o caixão, e tão grande era essa dupla fila, talvez seja exagêro, mas nesse tempo os cronistas desejavam ganhar as boas graças do rei com referências lísongeiras, que se prolongava desde Coimbra até Alcobaca, onde no mosteiro do mesmo nome D. Pedro mandara erigir dois túmulos juntos, um para ele e outro para a sua amada.

Esses homens levavam velas acêdas na mão, semelhante fantasmas ou uma fila imensa de fogos-fátuos, caminhando mansamente pela escuridão da noite. E ê-se singular cortejo, caminhava vagarosamente pela estrada que vai de Coimbra a Alcobaca.

Passaram-se séculos e a crença dos coimbedes opõe uma barreira inabalável à acção

destruidora do tempo. E assim se conserva integralmente reconstituída a lenda de sangue de Inez. Trata-se de uma infinidade de liquenes avermelhados a que o povo, na sua ignorância, julga vêr o sangue de Inez resistindo à corrupção que o tempo opéra sobre todos os seres.

Um plantar aquáticas em forma de radículas filamentosas, julga ele vêr os cabelos loiros de Inez, que longo tempo chorando, memoram a nossa história.

Lx.º, 5-XI-1937.

Alexandre Lima.

Câmara Municipal

Foi eleito procurador do Conselho Provincial o sr. dr. Francisco António Soares, vereador da Câmara Municipal de Aveiro.

Arvores, muitas árvores

E' bem sabida a necessidade que existe, em Portugal, de plantar muitas árvores para conseguir, pelo menos, três fins: 1.º, para aumentar a nossa riqueza agrícola; 2.º, para melhorar o nosso clima e atrair mais chuvas; 3.º, para não ser preciso vir tanta madeira de fóra.

Porque assim é, vamos dar conta de uma coisa que se está fazendo na Itália e que há-de dar bom resultado, acostumando as crianças, desde muito pequenas, a ter amor pelas árvores.

De tempos a tempos, distribuem pelos alunos das escolas primárias uns púcaros de barro, cheios de sementes de várias árvores.

Os pequenitos são obrigados a cultivar as sementes, durante dois anos e, por ocasião da Festa da Árvore, têm de apresentar as pequenas árvores, para se plantarem onde fôr indicado.

Dá-se, pois, uma boa lição de amor à árvore e, ao mesmo tempo, arranjam-se muitas árvores, sem ne-

nhuma despesa.

Os alunos guardam o púcaro, como lembrança, e ficam-lhe tendo também amôr, recordando-se, mais tarde, de uma boa acção praticada por êles, quando pequenos.

Tôta a gente, vendo a pequenada entregue à faina de semear árvores e olhar por elas, fica também compreendendo que a árvore é um bom auxiliar do homem; deve ser estimada e não destruída.

Seguir-se-á, assim, a grande regra: *Por cada árvore que seja preciso deitar abaixo, devem-se plantar três árvores!*

Calcule-se a grande quantidade de árvores que se poderiam criar, se, em tôdas as escolas de aldeia, onde houvesse terreno para fazer sementeiras de árvores, se criassem as espécies próprias de cada região e se fizesse vigiar por elas, durante dois anos, os alunos e alunas.

Seria uma riqueza para o país e grande benefício para os pequeros.

B. C.

Baile em Cacia

Para solenizar a inauguração da luz eléctrica no seu Salão, organizou no passado domingo o Grupo Musical Caciense um importante baile que esteve muito animado e concorrido por tôda a elit Caciense.

Eram 21,30 quando ali chegamos, e pouco depois, já quando a sala se encontrava completamente cheia, o componente do mesmo grupo sr. António Marques Pereira, chama a atenção de tôda a assistência para a inauguração da luz naquela casa, palavras estas que calaram bem entre todos, sendo correspondido por uma serrada salva de palmas. Acrescentando o mesmo:

«Meus senhores e gentis damas: vamos inaugurar a luz cuja esta só se deve não só ao grande sacrificio do Grupo Musical Caciense, como a tôdas as damas que muito contribuíram com as suas valiosas ofertas que neste lugar foram leiloadas pelos cavalheiros que aqui tem vindo. Nisto sôa nova salva de palmas.

E continúa. Por isso meus senhores e gentis damas, eu vou erguer uma viva pelo progresso do Grupo Musical Caciense e outro pelas damas e cavalheiros que para esta festa muito tem concorrido. Abresse a luz, sôando ao mesmo tempo dois prolongados e brilhantes vivas ao Grupo Musical Caciense e às gentis damas e cavalheiros.

Este baile só terminou às 2 da madrugada, reinando sempre a maior animação entre tôda a mocidade presente.

Para o Grupo Musical Caciense, vão as nossas felicitações, bem assim como os nossos agradecimentos pela deferência de entrada que nos concederam.

500 MIL CONTOS

Sem que houvesse debate na especialidade, a Assembleia Nacional, no dia 11, aprovou os cinco artigos da proposta de lei que autoriza o Governo a contrair um empréstimo interno de 500 mil contos, em séries de 100 mil contos, amortizável ao juro de 2½ %.

Necrologia

Faleceu em Cacia, no último dia 13 do corrente com a idade de 93 anos, a sr.ª Albina Dias da Conceição, viúva desde 29 de Março de 1911 de António da Silva Diogo, pais dos nossos estimados amigos srs. Francisco, António, Maria Augusta e Virgínia Dias da Silva, os primeiros industriais de panificação em Portimão e Monte de Caparica.

O funeral da extinta teve lugar no dia 14 pelas 10 horas da manhã, sendo o mesmo muito concorrido, principalmente pelo povo da Quinta, onde a moita era geralmente estimada.

Conduziu a chave da urna o sr. Manuel Martins, único sobrinho da falecida, e as salvas os srs. Manuel Rodrigues Cristiano e António Dias Pereira.

A todo a família em luto, principalmente a Francisco e António Dias da Silva, este que depois de chamado telefonicamente do Monte de Caparica, aqui veio despedir-se da autora de seus dias, enviamos os nossos pésames.

PADRE MANUEL MARQUES DE LEMOS

Em Lisboa, faleceu no dia 11 o reverendo Manuel Marques de Lemos, que contava 70 anos de idade e era natural de Albergaria a-Velha, para onde seguiu no dia 13 o seu cadáver.

O extinto foi um sacerdote bondoso, que paroucou muitos anos a freguesia de Oeiras, onde conquistou a estima geral.

Paz à sua alma e condicências à família entuada.

Na Azambuja

Na adega da Quinta do nosso prezado amigo sr. Joaquim Barata, estimado agente da P. S. P. em serviço na Polícia Administrativa de Lisboa, realiza-se amanhã a abertura do seu vinho novo, pelo que convidou alguns dos seus melhores amigos a assistir a um almoço.

Fazemos votos para que a festa de amanhã seja animada, como sempre são as reuniões que o amigo Barata promove em sua casa, desejando que para o ano aumente o vasilhame.

(N.º 3) FOLHETIM DO «ECOS DE CACIA»

Mantas Massano

Em busca de fortuna

Segurava na mão de outro mais velhinho, com um bonet de pala na cabeça, fato igual ao do outro pequeno e umas botas também muito grossas.

Olhos grandes, fogosos e muito abertos. Eram os filhos dos nossos aldeões.

Não diziam uma palavra. Firmes como soldados em sentido soltaram um olhar de compaixão para os festejantes e um olhar muito atraente para os doces que eram servidos pelos creados de bordo, mas entretanto não ousavam que podessem compreendê-los.

Não era permitida ali a permanência de passageiros de terceira classe mas... eram duas crianças, e depois uns modos tão delicados uns olhos tão brilhantes que mais pareciam dois

fachos luminosos que iluminavam aquela festa.

Uma menina moça e linda, vinte anos a sorrir, cabelos loiros cortados pelo pescoço, pesinhos delicados enfiados em uns sapatinhos rôxos, meias e fito da mesma cor fazendo lembrar a túnica do Senhor dos Passos, encontrava-se ao lado de seu pai. Sajeito elegantemente trajado, barba já grisalha e bem tratada.

Pediú à jovem vestida a capricho que chamasse as crianças e ela assim cumpria de bom grado a ordem de seu pai.

Pobres pequenitos! Tinham vergonha; córaram muito — «É gente muito rica e nós estamos mal vestidos para ir ao encontro daquella senhora». Mais depressa do que Manuel (assim se chamava o mais velhinho) isto

dissêse ao seu irmão, a gentil menina aproximou-se deles e fel-os seguir para onde se encontrava seu pai que desejava vel-os mais de perto.

Receberam muitas carícias, comeram bolos, contaram parte da odêsseia de seus pais, e pouco depois, pai e filha estavam à prôa com o João a sua mulher e os dois pequenos. Ainda quando chegaram ao Brasil o João se conservaria de chapéu na mão em frente de tão distintas creaturas se esse homem bem trajado e barba grisalha e bem tratada não o mandasse cobrir. Dirigia-se também com sua filha ao Rio de Janeiro onde tinha muitas propriedades, e prometeu encargar-se da educação dos pequenitos e arranjar trabalho para o João.

Despediram-se; os pobres aldeões choraram de alegria.

Comêçaria naquele momento a felicidade daquellas creaturas? Era isto que restava saber.

Veio a noite. Deitaram-se.

João encontrava-se numa gran-

de quinta, e a meio desta, um bonito chalet habitado por ele, sua companheira e os dois filhos. Havia em todos os cantos da casa muito ouro e muito pão. Afinal, na manhã seguinte, João ao acordar viu-se ao lado da sua querida mulher; olhou para o mar, olhou para o céu: iam ainda em viagem. Foi um sonho, e mais um dia passado na ancia de chegar ao ponto de destino.

Mais um dia, outro e outro, e finalmente chegaram. O seu benfeitor recomendou-os aos cuidados de uma família conhecida que lhes deu guarida e alimento, e no dia seguinte começaria o João a trabalhar e a educação dos pequenos.

O bom aldeão foi trabalhar para uma quinta daquele rico, e a sua companheira não querendo que só ele se sacrificasse quiz uma enxida também. Os pequenitos foram internados numa escola, e de oito em oito dias visitavam os seus pais. Viviam agora bem os nossos aldeões; trabalhavam e sabiam que ao menos aos

filhos não faltava o pão. Quando tinham disponibilidade falavam da aldeia, dos parentes e amigos, e só aquela terra que cavaram era testemunha de tantas lagrimas saudosas, caídas de quatro olhos fartos de tanto chorar! Aquela menina moça e linda, vinte anos a sorrir, casou. Ao fim de quinze anos, João tinha já um peçuelo muito regular. Manuel e Francisco o mais novo, encontravam-se em Pernambuco, cobertos de felicidades, graças ao generoso coração de tão honrado benfeitor. O mais velho tirou o curso de engenheiro e dirigia uma das maiores fábricas daquela cidade; o mais novo formou-se em medicina, e assim faziam prodígios admiráveis nas artes que com grande exito exercitaram.

Precisamente no dia que fazia quinze anos que João e sua companheira começavam o labôr quotidiano no Rio de Janeiro, o seu benfeitor feleceu.

Continúa.